

Déficit no 1º semestre atinge US\$ 400 milhões

A balança comercial do primeiro semestre registra déficit na casa dos 400 milhões de dólares, com as exportações em torno de 10 bilhões 779 milhões (média mensal de 1 bilhão 798 milhões) e as importações chegando a 11 bilhões 201 milhões. Para atingir a meta governamental de 28 bilhões de dólares na exportação, este ano, será necessário vender no segundo semestre mais 15 bilhões 220 milhões, ou seja, a média mensal de 2 bilhões 536 milhões de dólares — o que é extremamente difícil.

Os números de junho ainda não são oficiais, mas salvo ajustes na conta petróleo a exportação fica em 1 bilhão 850 milhões de dólares e a importação em 1 bilhão 830 milhões, com pequeno superávit. Nos demais meses, com as estatísticas já divulgadas pelo Governo, apenas maio registra superávit, de 22 milhões 600 mil dólares.

No início deste ano a Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior, pelo seu pesquisador Hugo Barros de Castro Faria, fez duas projeções para as exportações: na primeira hipótese, conservadora, elas somariam 24 bilhões 100 milhões de dólares; a hipótese otimista era a de 25 bilhões 500 milhões. E para a realização da hipótese conservadora o primeiro semestre deveria fechar com as vendas em torno de 11 bilhões 839 milhões; quando na verdade elas ficaram 1 bilhão de dólares abaixo desta expectativa.

Eis, agora, as principais causas desta frustração na safra de dólares:

Café — no final do primeiro semestre do ano passado negocia-se café cru em grãos a 4 mil 278 dólares a tonelada métrica no terminal de Nova Iorque, mas este ano as cotações desceram a 2 mil 64 dólares. No ano passado o café rendeu

SERVIÇOS

Há esperanças, entretanto, de que empreiteiros, Cacex e Itamarati unam seus esforços no sentido de conseguir grandes contratos no exterior, avaliando-se, mesmo, em 3 bilhões de dólares o potencial que se abre à exportação de serviços. Quanto a novos exportadores, acredita-se que os artesões tenham mercado lá fora para 3 milhões de dólares este ano (em 1979 os EUA, Alemanha, Canadá, Suiça e Inglaterra importaram mais de 700 milhões de dólares em artesanato, de várias partes do mundo); e no Estado do Rio estão sendo montados consórcios de pequenas e médias confeções, para vender à moda.

Assim, as previsões otimistas para 1981 andam, ao fim do primeiro semestre, em torno dos 25 bilhões de dólares na exportação e 24 bilhões na importação, com superávit de 1 bilhão de dólares. Porque, apesar do café, açúcar e cacau se desvalorizarem, também o trigo entrou em queda e o preço do petróleo foi congelado. E mais do que isso, as importações devem ser contidas pelas altas taxas dos juros, que não aconselham grandes estoques, e pelas constantes desvalorizações do cruzeiro, que encarecem os produtos estrangeiros.

divisas da ordem de 2 bilhões 800 milhões de dólares, e para 1981 a esperança é que chegue a 2 bilhões 200 milhões.

Açúcar — em junho de 1980 a cotação do demerara, em Nova Iorque, era de 775 dólares a tonelada métrica, contra 325 dólares atualmente. A situação do açúcar é melhor do que a do café, entretanto: há pouco estoque e o programa de produção de álcool ajuda a estabilizar os preços. As vendas, este ano, deverão situar-se aos níveis de 1980, em torno de 1 bilhão 300 milhões de dólares.

Cacau — de 2 mil 362 dólares no final do primeiro semestre de 1980, a tonelada métrica de cacau em amêndoas baixou para 1 mil 484 dólares, na Boisa de Nova Iorque, este ano. E a excessiva oferta internacional não permite otimismo: os quase 700 milhões de dólares obtidos com o produto no ano passado deverão se reduzir a 600 milhões, até dezembro.

O que está salvando os grandes números da exportação brasileira é a extraordinária performance dos industrializados, apoiada no crédito prémio e em outros incentivos, responsáveis hoje por 60% das vendas ao exterior. E o grupo soja, cujas vendas deverão chegar a 3 bilhões de dólares a mais 800 milhões de dólares a mais do que em 1980.